

HANSENOLOGIA INTERNATIONALIS

(Hansen. Int.)

A demonstração, no campo, de estigma criado pelo homem

EDITORIAL

A "lepra" não é — nem será jamais — "doença como as outras" mas sim "corrente cultural estrangulando doença física comum". Portanto, libertar pacientes e sociedade dos graves problemas psicossociais da "lepra" é objetivo principal para o qual a maior parte das atividades deveria estar dirigida. Só quando a "corrente" for removida tornar-se-ão possíveis o tratamento e a prevenção na escala desejada.

Estas afirmações têm sido repetidas em São Paulo por mais de uma década. Uma significativa maioria no Brasil e uma pequena minoria no resto do mundo estão de acordo.

Para as frações da maioria mundial e da relutante minoria brasileira que não concordam com esses pontos de vista, mas que ainda estejam à busca de evidências mais convincentes, recomendamos a leitura de artigo de Kerr, publicado no *Papua New Guinea Medical Journal* (16:118, 1973) reproduzido em *Hanseníase: resumos e notícias* (5:55, 1974) e neste número de *Hansenologia Internationalis* (p. 83).

Os fatos relatados têm, praticamente, o valor de teste experimental e demonstram de que maneira os efeitos perniciosos da "lepra" se imiscuiram com a doença física hanseníase, causando sérias situações sociais e psicológicas, nocivas por si mesmas e por seus reflexos sobre a doença e seu controle.

Em resumo: no interior montanhoso da Papua Nova Guiné, os doentes de hanseníase eram "iguais aos outros", não despertando atenção especial alguma. Como em outras doenças, lesões físicas de pequena monta nem eram vergonhosas nem interferiam na capacidade de trabalho. Como em outras doenças, só os handicaps mais sérios é que perturbavam o ganha-pão de suas vítimas.

Então, o míssil cultural da "Lepra" do Ocidente explodiu nas montanhas, destruindo completamente essa situação relativamente cômoda. O nome local da hanseníase tornou-se sinônimo de terror, sujeira e repugnância. A discriminação e o ostracismo despencaram sobre os portadores da doença.

E lamentável que a Bíblia tivesse que ser incluída entre esses fatores culturais do Ocidente que tão seriamente rebentaram as vidas dos pacientes novaguineanos e tão claramente contribuíram para sua vergonha e ocultamento, bem como para o agravamento dos problemas médicos e preventivos.

Como considerado em artigo neste número (p. 76), a Bíblia não deve ser culpada pela decisão do mundo médico de aplicar a uma doença — caracterizada apenas no século 19 da Era Cristã — a tradução grega de palavra hebraica que significava degradação ritual, baseada no aparecimento de manchas no linho, lã, couro, paredes, pedras, pele e couro cabeludo.

Editorial

Embora não primariamente responsável, a Bíblia considera-se parte da solução: traduções modernas baniram o termo "lepra" e/ou negaram qualquer relacionamento entre o antigo "tsará-ath" das Escrituras e a

moléstia tal como a conhecemos hoje (vide "Noticias": "Enfermedades de la Piel").

Essa iniciativa deveria ser elogiada, apoiada e imitada pelo mundo médico.

A. ROTBERG